

Tomás de Aquino e a semântica tradicional.

Ivanaldo Santos¹ - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Resumo: O presente estudo tem por objetivo apresentar, de forma introdutória, a relação existente entre Tomás de Aquino, um dos grandes filósofos da humanidade, e a semântica tradicional. Para tanto, ele foi dividido em duas partes: 1) A semântica tradicional, 2) Tomás de Aquino e a semântica tradicional.

Palavras-chave: Tomás de Aquino. Semântica. Semântica Tradicional.

Abstract: This paper aims to present, in an introductory way, the relationship between Thomas Aquinas, one of the great Philosophers of Humanity, and the Traditional Semantics. In doing so, it was divided in two parts: 1) The Traditional Semantics, 2) Thomas Aquinas and the Traditional Semantics.

Keywords: Thomas Aquinas. Semantics. Traditional Semantics.

1. INTRODUÇÃO.

O presente estudo tem por objetivo apresentar, de forma introdutória, a relação existente entre Tomás de Aquino, um dos grandes filósofos da humanidade, e a semântica tradicional. Para tato, ele foi dividido em duas partes: 1) A semântica tradicional, 2) Tomás de Aquino e a semântica tradicional.

2. A SEMÂNTICA TRADICIONAL.

Do ponto de vista estritamente didático essa seção será dividida em duas partes, sendo elas: síntese histórica da semântica e a semântica tradicional.

2.1. SÍNTESE HISTÓRICA DA SEMÂNTICA

De acordo com alguns manuais, como, por exemplo, Oliveira², Cançado³, Rector e Yunes⁴, a semântica surgiu como ciência apenas no final do século XIX, a partir dos trabalhos do linguista francês Michel Bréal.

¹ Doutor em estudos da linguagem, professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERN. E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.

² Cf. OLIVEIRA, L. *Manual de semântica*. Petrópolis: Vozes, 2008.

³ Cf. CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2007.

Entretanto, antes desse período já havia um grande número de estudos que podem ser classificados como *semântica*. Desde o século V a. C. há estudos que, de alguma forma, tratam das preocupações que norteiam a semântica. De forma imprecisa, mas com certa fundamentação histórica, é possível afirmar que existem aproximadamente vinte e cinco séculos de estudos em torno da semântica.

Semântica é uma palavra de origem grega (*semantikê*) que traduzida seria *a arte da significação*. É o estudo do significado das palavras e de sua relação de significação nos signos linguísticos. Por sua vez, do ponto de vista estritamente clássico, signo é todo objeto ou símbolo que tem um significado por si mesmo, como, por exemplo, a cruz que representa o cristianismo, a cor vermelha como um sinal de “Pare”, uma palavra qualquer como *cadeira* que nos remete a um objeto no mundo real.

A semântica (*σημαντική*), derivada de *sema* (sinal), refere-se ao estudo do significado, em todos os sentidos do termo. Tradicionalmente, opõe-se à sintaxe, em que a primeira se ocupa do que algo *significa*, enquanto a segunda se debruça sobre as estruturas ou padrões formais do modo como esse algo é *expresso*, escrito ou falado.

Não é fácil realizar uma apresentação, mesmo que sintética, da história da semântica. Apesar de todos os avanços que houve na história da filosofia e na história das ideias, o conhecimento sobre a origem e o desenvolvimento da semântica ainda é tema de muitos e acalorados debates.

Apesar disso é possível afirmar que a semântica surgiu na Grécia Antiga. Os sofistas e os megários realizaram discussões sobre a formação e o significado das palavras. No entanto, os poucos textos atribuídos aos pensadores dessas escolas se perderam. O que resta são apenas pequenas citações que constam de coletâneas organizadas por especialistas.

O primeiro texto no qual consta uma discussão sobre o significado das palavras é o *Crátilo* de Platão, publicado no século V a. C. Nesse estudo, Platão se propõe a pesquisar as diversas relações filosóficas que estão presentes “nos nomes” (*Crátilo*, 432d)⁵. Não é possível considerar o *Crátilo* como sendo um livro que trata totalmente da semântica. Pelo contrário, esse diálogo platônico debate com várias correntes filosóficas existentes na Grécia do século V a. C. e apresenta, pela primeira vez no Ocidente, a linguagem como sendo um problema que deve ser amplamente investigado. O conjunto formado pelos sofistas, megários e pelo *Crátilo* de Platão pode ser enquadrado como sendo os estudos pré-semânticos.

⁴ Cf. RECTOR, M.; YUNES, E. *Manual de semântica: linguística e filologia*. São Paulo: Livro Técnico, 1980.

⁵ Cf. PLATÃO. *Cratyle*. Traduit L. Méridier. Paris: Lês Belles Lettres, 1989.

De acordo com Jurado Garcia⁶, a origem da semântica tradicional está ligada as pesquisas de Aristóteles na Grécia do século V a. C. e especificamente à produção e publicação da *Metafísica* e de *Sobre a interpretação*⁷.

Após a pesquisa de Aristóteles o outro grande pensador que irá contribuir, de forma decisiva, para o avanço da semântica tradicional é Tomás de Aquino. Como afirma Coxito⁸, “Aristóteles e Tomás de Aquino foram os grandes mestres da semântica medieval”. Não é possível pensar a semântica tradicional sem estudar esses dois autores. As investigações semânticas em torno da palavra e do significado ficaram praticamente inalteradas até o século XVIII, quando Kant, principalmente na *Crítica da razão pura*, introduziu uma série de questionamentos sobre a possibilidade do conhecimento metafísico da realidade e, com isso, contribuiu para colocar em xeque os fundamentos da semântica tradicional.

Para Coseriu⁹, apesar de haver, desde o século XVIII, sérios questionamentos sobre os objetivos da semântica tradicional, somente no final do século XIX foi possível haver um rompimento com esse modelo de semântica e, por conseguinte, o surgimento de outros modelos. Entre o século V a. C. e as últimas décadas do século XIX a semântica tradicional norteou os estudos filosóficos e linguísticos nessa área. Trata-se de um longo período de soberania teórica, o qual durou aproximadamente dois mil e quatrocentos anos.

Toda a crise vivida pela semântica tradicional e os novos estudos sobre a linguagem desenvolvidos por pensadores, como, por exemplo, Frege e Brentano, no final do século XIX, abriram os caminho para o desenvolvimento da semântica clássica.

Para Marcondes¹⁰, entre o final do século XIX, com as pesquisas desenvolvidas por Frege, e as primeiras décadas do século XX, com as pesquisas realizadas por Moore, Russel e pela primeira fase do pensamento de Wittgenstein, especificamente com o *Tratado lógico-filosófico*, a semântica clássica ganhou um quadro teórico consistente.

⁶ Cf. JURADO GARCÍA, F. *Introducción a la semántica latina*. De la semántica tradicional al cognitivismo. Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense, 2003.

⁷ Cf. ARISTÓTELES. *Sobre la interpretación*. Navarra: EUNSA, 1989 e *IDEM*. *Metafísica*. Rio de Janeiro: Globo, 1979.

⁸ COXITO, A. *Lógica, semântica e conhecimento na escolástica peninsular pré-renascentista*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade, 1980, p. 12.

⁹ Cf. COSERIU, E. *Tradição e novidade na ciência da linguagem*. São Paulo: Presença, 1980. (Coleção Linguagem, n. 9).

¹⁰ Cf. MARCONDES, D. *Filosofia analítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

No entanto, esse quadro, de um lado, não resolveu definitivamente todas as objeções que atravessam a semântica desde o século XVIII e, de outro lado, no século XX abriu caminho para o desenvolvimento de uma grande variedade de pesquisas dentro da semântica. Essas pesquisas terminaram gerando o surgimento de um grande número de semânticas com variados objetivos e métodos de estudos. Dependendo da concepção de significado que se tenha, têm-se “diferentes concepções teóricas”¹¹ da semântica. Entre essas semânticas é possível citar: semântica transcendental, semântica pragmática, semântica lógica ou semântica algébrica, semântica realista, semântica cognitiva, semântica gráfica, semântica argumentativa, semântica lexical, semântica estrutural, semântica estilística, semântica formal, semântica gerativa, semântica interpretativa, semântica histórica, semântica psicanalítica, semântica web e a relação entre semântica e ensino ou semântica e educação.

No entanto, apesar desse grande número de semânticas que surgiram no século XX os problemas e o objeto de estudo da semântica tradicional continuam a influenciar, de forma direta ou indireta, as pesquisas em semântica. Não se deve ver a semântica tradicional apenas como parte da história das ideias ou da história da semântica, mas como um problema filosófico e linguístico que atravessou os séculos, chegou ao século XXI e permanece em aberto. Um problema que desafia os pesquisadores a reverem suas teorias e, ao mesmo tempo, aprofundarem o conhecimento sobre os problemas linguísticos clássicos do Ocidente.

2.2. A SEMÂNTICA TRADICIONAL.

Do ponto de vista histórico a semântica tradicional investiga a palavra e os diversos significados que giram ao seu redor. O problema é que as diversas correntes da semântica que surgiram no século XX também possuem, de alguma forma, essa mesma preocupação investigativa.

Sendo assim, pergunta-se: o que difere a semântica tradicional das demais correntes da semântica? O que é a semântica tradicional?

A semântica tradicional dirá que o aspecto objetivo ocorre no momento em que é feita uma descrição de um ente, como, por exemplo, “Pedro”. O subjetivo ocorre quando há certa admiração do locutor do enunciado, neste caso “Pedro”, e o intersubjetivo quando o locutor pede ao seu destinatário um comportamento específico em relação a “Pedro”, por exemplo, que confie nele, ou, pelo contrário, que desconfie.

Nesse sentido, se dá a classificação direta dos nomes próprios nas classes mais descritivas que os compõem, tal como país, artista, político, monumento,

¹¹ OLIVEIRA, L. *Op. cit.*, p. 13.

jornal, etc., para evitar escolher em que vertente cada uma destas classes deverá ser colocada. Ou seja, livro é um objeto ou uma obra de arte? Jornal é uma organização, um porta-voz, ou um papel? País é um lugar, um povo, ou um conceito?

Em grande medida a semântica tradicional é uma espécie de *desenvolvimento de regras para catalogação das palavras*. A preocupação dessa corrente da semântica é onde ou em que categoria uma palavra deve ser classificada. Por esse ângulo de análise, as semânticas que se desenvolveram no século XX são mais aprofundadas e aperfeiçoadas que a semântica tradicional.

O problema é que a semântica tradicional não se restringe ao desenvolvimento e a descrição das regras para a catalogação das palavras. O fundamento filosófico de toda essa expressão da semântica está na categoria metafísica do *ser*. Para Robins¹², na semântica tradicional as classes de palavras declináveis são definidas por referência às categorias da filosofia escolástica, que se vinculam, por sua vez, às categorias de ser.

Sobre o fundamento da semântica tradicional, Apel¹³ observa que “se o homem, em seu ser, caracteriza-se por se relacionar livremente com o ser, torna-se compreensível que ele logre contatar, admirado, que o ente é – sem decidir o *que ele é* (ou como ele é, ou em que relação ele está imerso, etc.)”. Neste caso torna-se necessário um predicado do tipo “é” (ser) que faça a ligação de um termo carregado de significado com outro termo também carregado de significado. Por exemplo: na frase “O bolo é grande”, o “é” não é apenas um termo de ligação, mas essencialmente é o predicado responsável em demonstrar a existência de “ser” no bolo. O bolo só é grande (ou pequeno, bonito, feio, azul, verde, etc) porque antes de qualquer característica, ele existe. Ele é um ente carregado com ser.

O fundamento da semântica tradicional é a categoria de *ser (est)*. Uma categoria metafísica que extrapola o puro nível da palavra e do significado. A categoria de *ser* é uma estrutura abstrata que fica acima da palavra e do significado e, por conseguinte, é responsável por sua existência.

Do ponto de vista tradicional, sem o *ser* não é possível pensar a existência dos objetos e nem sua conexão com as palavras. Não é à toa que Aristóteles, no início da *Metafísica*, afirma que o ser é¹⁴, ou seja, o ser é o início de qualquer discussão. Sem ele não há como pensar qualquer relação linguística.

¹² Cf. ROBINS, R. *Pequena história da linguística*. São Paulo: Livro Técnico, 1983, p. 63.

¹³ APEL, K-O. *Transformação da filosofia I*. Filosofia analítica, semiótica, hermenêutica. São Paulo: Loyola, 2000, p. 354.

¹⁴ Cf. ARISTÓTELES. *Op. cit.*

A categoria de *ser* é extremamente presente no pensamento filosófico. Podemos encontrar o *ser* como sendo o Demiurgo de Platão, o motor imóvel de Aristóteles, o *Nous* em Plotino, Deus para pensadores, como, por exemplo, Santo Agostinho e Tomás de Aquino, e o *ser* doador em Martin Heidegger.

O *ser* é o que possibilita a existência. Seja essa possibilidade um géometra universal, como no caso de Platão, uma essência cósmica, como no caso de Plotino, ou Deus para Santo Agostinho e Tomás de Aquino.

De acordo com Robins¹⁵ é preciso ter consciência que os teóricos da semântica tradicional, como Tomás de Aquino, em grande medida de inspiração escolástica, não são linguistas da forma como a linguística é pensada contemporaneamente, mas eram pensadores que debatiam temas que envolviam a linguagem, mas cujo objetivo de investigação não estava propriamente na ciência da linguagem. Seu objeto de investigação principal era outro, como, por exemplo, o *ser*, Deus e a alma. É nessa perspectiva que deve se pensar o problema do *ser*.

Para a semântica tradicional o fato é que o *ser* não é uma pura categoria abstrata que fundamenta a relação palavra, objeto e significado. Ele vai além. Ele possibilita uma discussão ética sobre o papel do homem no cosmo e na sociedade. Possibilita uma visão ampliada da função da linguagem e de sua relação com o homem. A partir da visão de *ser* percebe-se que a linguagem não visa apenas nomear objetos, não é apenas uma convenção social. Ela tem um papel de elevar o homem a níveis superiores de existência. Por isso, o *ser* é responsável em conduzir o homem a pensar sobre a dimensão estética, sobre a dignidade da pessoa humana e outras categorias de suma importância para a vida social.

Neste aspecto a semântica tradicional não possui a sofisticação técnica das diversas semânticas desenvolvidas ao longo do século XX, mas possui uma profundidade ética e filosófica que, em grande medida, essas semânticas perderam ou, pior, nunca tiveram.

Um dos motivos, entre outros, para a semântica tradicional não ser compreendida atualmente é que no século XX e no início do XXI houve a perda da dimensão do *ser*, ou seja, perdeu-se a dimensão da existência em suas múltiplas manifestações. Estuda-se a formação das palavras, suas relações com o objeto e suas derivações significativas, mas não há reflexão sobre o fundamento último desse estudo e quais contribuições éticas podem resultar para o homem.

3. TOMÁS DE AQUINO E A SEMÂNTICA TRADICIONAL.

¹⁵ Cf. ROBINS, R. *Op. cit.*, p. 60.

Como bem demonstra Coxito¹⁶, o grande pensador da Idade Média foi Tomás de Aquino (1225-1274), o qual desenvolveu uma sólida teoria que abarca, em seu interior, questões complexas, como, por exemplo, a metafísica, a ética, o direito, a teologia e a linguagem.

É bom deixar claro que Tomás de Aquino não é um pensador preso à Idade Média. Pelo contrário, ele é um dos “grandes pensadores da humanidade”¹⁷, o qual “está aberto a dialogar com as verdades de qualquer época”¹⁸. Um dos mais frutíferos diálogos que atualmente está envolvendo o Aquinate é com a filosofia analítica e especificamente com a filosofia da linguagem.

É bom frisar que esse pequeno estudo não esgota a rica produção filosófico-linguista do Aquinate e muito mesmo suas discussões sobre a semântica. Especificamente no tocante à discussão que o Aquinate realiza sobre a semântica, é possível dividir, do ponto de vista didático, essa discussão em quatro argumentos.

O primeiro argumento afirma que alguns seres são afirmados, no sentido de um predicado, de um sujeito¹⁹. Vejamos um exemplo: embora o termo “homem” seja afirmado, enquanto predicado, de um sujeito – por exemplo, na frase: “Pedro é homem” – ele não é privativo de Pedro. Seu significado não está apenas ou somente em Pedro porque se trata de um conceito universal. E apesar de homem, enquanto espécie ser uma substância, não está em um sujeito particular – esse homem, aquele homem, etc. – porque não é um acidente, mas é predicado de um sujeito ou de um indivíduo enquanto qualidade universal.

Dessa forma, quando é afirmado “Pedro é homem” está sendo predicado “homem” do indivíduo, o individual, “Pedro”, porque alguém conhece um homem cujo nome é Pedro. Portanto, trata-se de uma qualidade universal predicada de um sujeito individual. Com isso é possível afirmar que se Pedro é homem, então todos os indivíduos que possuem as mesmas características de Pedro também são homens.

Com isso, “homem” torna-se um significado universal que é predicado de um objeto individual. Nesse caso, Tomás de Aquino apresenta uma

¹⁶ Cf. COXITO, A. *Op. cit.*, pp. 13-14.

¹⁷ STRATHERN, P. *São Tomás de Aquino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 7.

¹⁸ FAITANIN, P. *A Sabedoria do Amor*. Iniciação à Filosofia de Santo Tomás de Aquino. Niterói: Instituto Aquinate, 2008, (Coleção Cadernos da Aquinate, n. 2), p. 20.

¹⁹ AQUINO, Tomás de. *Comentario al libro de Aristóteles “Sobre la interpretación”*. Navarra: EUNSA, 1999, pp. XLII-XLIII.

semântica que procura apreender o signo existente nos objetos a partir de um conjunto de significados universais (homem, matemática, etc).

O segundo argumento afirma que há seres que estão em um sujeito, mas não são afirmados, no sentido de predicado, de nenhum sujeito²⁰. É o caso do acidente particular que está em um sujeito enquanto acidente. O conhecimento de certa ciência, por exemplo, da gramática ou da lógica, existe em um sujeito particular. Exemplo: “João é um gramático” ou “Pedro é matemático”. Este conhecimento está em um sujeito do tipo “João” ou “Pedro”. No entanto, ele está no sujeito de forma accidental, pois “João” não é o único detentor da gramática e “Pedro” não é a única pessoa que conhece matemática.

Para Tomás de Aquino²¹, fundamentado em Aristóteles, esse fato é o chamado “conhecimento na alma”, ou seja, o acidente particular (João, Pedro, etc.) não pode ser afirmado de um sujeito como um universal, porque só existe em um sujeito particular. Um bom exemplo disso é a brancura. Ela só existe em um sujeito. Não existe uma “brancura” abstrata ou então todos os seres humanos são brancos; porém existem pessoas que são de outras cores (pretos, amarelos). Neste caso, só é possível pensar o universal (matemática, gramática, lógica, brancura, etc.) se ele estiver “preso”, “ligado” a um individual. Por exemplo, é possível dizer: “Pedro é branco” ou “O jarro é verde”. No entanto, não é possível encontrar, de forma isolada, os entes universais. Não se encontra isoladamente o “branco”, o “verde”, etc. Neste caso, a semântica de Tomás de Aquino é uma espécie de realismo metafísico. Isso se dá porque ele não nega o caráter abstrato dos entes universais (matemática, gramática, lógica, brancura, etc.), no entanto, para ele, esses entes só podem ser apreendidos por meio de objetos particulares (Pedro, jarro, etc.). O significado emerge como sendo uma consequência dessa relação.

O terceiro argumento afirma que há seres que não estão nem em um sujeito, nem são afirmados de um sujeito²². Trata-se de seres desconhecidos ou abstratos. Por exemplo, nas expressões “este homem” e “um jarro” não há definição do sujeito especificado. Apesar de aparecerem categorias universais (homem e jarro), não é possível se dizer que homem ou qual jarro está sendo objeto da discussão. Portanto, trata-se de uma indefinição.

Para Tomás de Aquino quando isso acontece não é possível predicar o sujeito. Por exemplo, não é possível colocar a particular “um” antes da palavra “homem”. Se isso acontecer haverá uma mudança radical na proposição: “este

²⁰ *IBIDEM*, pp. XLIV-XLVI.

²¹ *IBIDEM*, pp. XLVI.

²² *IBIDEM*, pp. XLVI-XLVII.

homem”. Por sua vez, ela passará a ser: “um homem”. O problema é que “este homem” é bem diferente de “um homem”. Neste caso, para que haja a significação da proposição é necessário e até mesmo obrigatório que a indefinição seja mantida. Alterar a indefinição, com o intuito de torná-la mais clara e sem contradição, criará outra proposição e, com isso, haverá o isolamento ou aniquilamento da proposição inicial. Se o objetivo é a identificação da significação contida em uma proposição indefinida, então é preciso manter o caráter de indefinição dessa proposição.

O quarto e último argumento é o verbo “ser”. Como visto anteriormente, uma das discussões centrais da semântica tradicional é o verbo “ser”. Tomás de Aquino, como um dos grandes mestres dessa corrente da semântica, também se preocupou com o verbo “ser”. Como demonstra Sertillanges²³, uma das preocupações essenciais do Aquinate é com o ser. Para ele o estudo do ser é fundamental para a compreensão de diversos problemas enfrentados pelo homem, tais como: o conhecimento, a lógica, a psicologia, a alma e a linguagem. Neste pequeno estudo não é possível apresentar toda a rica discussão realizada pelo Aquinate sobre o ser. A discussão será restringida à dimensão da semântica.

No tocante à semântica é possível afirmar que Tomás de Aquino compreende o ser de duas formas.

Primeira, o verbo possui uma significação independente do contexto em que atualmente aparece inserido na linguagem comum, mas então seu conteúdo não revela o que é ou o que não é. Neste contexto emerge o problema do verbo “ser” (*est*). Para o Aquinate o que importa é averiguar o sentido do verbo ser, enquanto forma verbal. Para Tomás o verbo ser, em todas as suas variantes (“estou sentado”, etc.) não denota um estado transitório de coisas, mas apenas um estado. Não é a transitoriedade que importa, mas sim o que é constante, o que permanece. Por isso, o sistema deve ser tomado em sua unidade concreta. O significado não é resultado do transitório, mas do que é constante.

Segunda, para Tomás de Aquino, até mesmo como consequência da primeira forma, é preciso conduzir a reflexão linguístico-semântica para níveis mais elevados de discussões sobre o ser. Esses níveis, que não serão expostos neste estudo, estão relacionados à construção e apreensão do conhecimento, a relação entre Deus e o homem e, por fim, como o homem é capaz de produzir linguagem e conhecimento. Como é possível perceber, a discussão linguístico-semântica em Tomás de Aquino termina evoluindo para níveis mais elevados do debate filosófico. Níveis que, sem tirar o brilho das

²³ Cf. SERTILLANGES, A. D. *As grandes teses da filosofia tomista*. Braga: Cruz, 1951, p. 26.

correntes semânticas contemporâneas, ou não existem ou então são ignorados por essas correntes.

Por fim, é preciso perceber que, de um lado, deve-se evitar a tentação de interpretar a semântica tradicional a partir das teorias semânticas recentes. Se comparadas com a semântica tradicional, essas teorias possuem muitos avanços e aperfeiçoamentos, no entanto, em grande medida, abandonaram as preocupações éticas e ontológicas da semântica tradicional. O que acarretou em certo empobrecimento das discussões. Por outro lado, o estudo do pensamento de Tomás de Aquino é necessário para a compreensão da semântica tradicional e, ao mesmo tempo, de diversas níveis de discussões que atualmente são realizadas dentro da semântica e em outras áreas dos estudos filosóficos e linguísticos.